

Brasil

Economia Sustentável

Uma publicação do Ministério da Fazenda > Outubro de 2008 > Número 3

Atravessando a

turbulência

Investimentos públicos e privados, mercado interno pujante e ajuste fiscal vigoroso solidificam o crescimento consistente



Luís Leshnobra

3 Editorial

A solução brasileira para a crise internacional é consolidar o desenvolvimento sustentado da economia

4 Desenvolvimento

Demanda interna mantém o PIB em alta e garante crescimento forte e de qualidade

12 Estabilidade

Responsabilidade fiscal, inflação sob controle e um sistema bancário sólido reduzem a vulnerabilidade do País

16 Expansão

O maior ciclo de investimentos já visto no Brasil cria bases para um crescimento prolongado e reduz a desigualdade



Germano Lúbers



Wilson Junior/ABR

Brasil – Economia Sustentável

Uma publicação do Ministério da Fazenda produzida pela Assessoria de Comunicação Social em parceria com a área de Projetos Especiais da Revista EXAME – Editora Abril S/A.

Um País preparado para enfrentar a crise



Elza Fiuza/ABR

Em meio à maior crise do capitalismo dos últimos tempos, o Brasil demonstra que está preparado e maduro para enfrentar os desafios. O País vive um ciclo de crescimento que começou em 2003, no primeiro mandato do Presidente Lula, e ganhou musculatura desde 2006, quando se consolidou uma política econômica mais expansionista.

Hoje a economia se expande a uma taxa de mais de 5% ao ano e suas características aproximam o Brasil dos países emergentes dinâmicos, cada vez mais responsáveis pelo crescimento mundial.

Em pouco tempo, constituiu-se um mercado consumidor doméstico que estimula o investimento e dá um horizonte de longo prazo aos empresários. A combinação de uma política econômica ousada, que cria muitos empregos, com uma forte política social que transfere renda para a base da pirâmide social gerou um círculo virtuoso de crescimento sustentável.

Podemos falar de um novo modelo de desenvolvimento, que transforma os brasileiros em cidadãos, consumidores com mais acesso à educação, saúde, luz elétrica, crédito e outros direitos.

A prioridade concedida ao combate à fome, desde o primeiro dia do mandato do Presidente Lula, resgatou da miséria milhões de brasileiros. Pela primeira vez na história, metade da população está na classe média, perto de 93 milhões de pessoas. A classe média somada às classes mais ricas da pirâmide social forma um contingente de 120 milhões de cidadãos, um dos maiores mercados de consumo do mundo.

O mais importante é que as políticas econômicas e sociais foram feitas sem o desvirtuamento das contas públicas, sem déficits, endividamentos e surtos inflacionários, que nos atormentavam no passado. O Brasil possui as contas públicas equilibradas e nossa meta de governo é fazer um superávit nominal em 2010.

O regime de metas de inflação funciona. Somos dos poucos países que vão cumprir a meta em 2008. Nossas reservas de mais de US\$ 200 bilhões, conquistadas por um comércio exterior forte e diversificado, são um passaporte para atravessarmos estes momentos difíceis e reduzir nossa exposição à turbulência internacional.

Certamente o Brasil não é uma ilha isolada em meio a uma das maiores crises financeiras da história. Porém é um País soberano, com menor vulnerabilidade às crises internacionais do que no passado. É importante ressaltar a solidez e a estabilidade do sistema financeiro brasileiro neste momento, regulado e com a supervisão eficiente das autoridades. Os bancos operam com reduzida alavancagem e apresentam alto nível de solvência e rentabilidade.

O modelo de desenvolvimento em curso está sendo constituído por um Estado mais empreendedor e que pratica o bem-estar social. O lançamento do PAC organizou e coordenou grandes projetos públicos e privados de infra-estrutura. Estamos implantando um Estado desenvolvimentista, modernizador e planejador, que leva à redução da pobreza e da desigualdade. Voltamos à era dos grandes projetos em infra-estrutura, que haviam desaparecido de nossa agenda.

Neste momento de crise mundial, o Estado brasileiro usará todos os seus instrumentos para garantir a manutenção do crédito aos produtores, para manter o financiamento adequado às nossas exportações e para dar continuidade aos investimentos de longo prazo, sobretudo em infra-estrutura. É decisão do Presidente Lula não interromper o ciclo de crescimento sustentado em que o País se encontra.

O Brasil reúne condições para exercer um papel extremamente positivo no mundo de hoje, assim como outros países ditos emergentes.

Temos, enfim, uma democracia sólida e estável, trabalhadores e capitalistas criativos e empreendedores. Nosso governo tem amplo respaldo popular e os brasileiros hoje se encontram num momento de grande confiança e otimismo. O Brasil é e continuará sendo um destino seguro para investimentos. A solução do governo Lula para a crise é consolidar nosso ciclo de desenvolvimento sustentado.

Guido Mantega
Ministro de Estado da Fazenda

Crescimento robusto

Produção em alta, desemprego em queda e inflação sob controle: reflexos de um novo Brasil

Pouco mais de um ano após os primeiros sinais de desaceleração nos países desenvolvidos, criado pela bolha imobiliária nos Estados Unidos, a economia brasileira registra crescimento robusto. No segundo trimestre de 2008, o Produto Interno Bruto (PIB) a preços de mercado cresceu 6,1% em relação ao mesmo período de 2007, acima das expectativas. Foi o 26º aumento consecutivo, confirmando o mais longo ciclo de crescimento da série trimestral, medida pelo pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) desde 1991.

Maior ciclo dos investimentos

Crescimento do PIB e da Formação Bruta do Capital Fixo (em %)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IBGE > * Variação no trimestre e mesmo trimestre do ano anterior



Consumo: melhor distribuição de renda amplia o lucro das empresas

“Se a conjuntura internacional gera incertezas, os cenários de médio e longo prazos geram otimismo, pois o Brasil tem a oferecer soluções para os três maiores problemas econômicos do mundo: alimentos, minérios e energia”

Guido Mantega,
Ministro da Fazenda



Heurides Regis

Emprego: até agosto de 2008, já foram criados mais de 2 milhões de vagas formais

A economia brasileira sofreu duramente os impactos das turbulências globais que abalaram a economia internacional nos anos 90, após as crises do México (1994), dos tigres asiáticos (1997) e da Rússia (1998). O real enfrentou ataques especulativos, o País viu desaparecer um grande volume de suas reservas, precisou elevar às alturas a taxa de juros, teve de recorrer ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e, em seguida, conviveu com períodos prolongados de instabilidade. Com a crise atual – a mais grave desde 1929, segundo muitos economistas –, o cenário tem sido diferente.

Sob a ótica da demanda, os motores do cresci-

mento no segundo trimestre de 2008 foram a Formação Bruta do Capital Fixo (FBCF), que mede a taxa de investimento, e o consumo das famílias. Em relação ao mesmo trimestre de 2007, a FBCF cresceu 16,2%, mais do que o dobro do aumento do PIB e do consumo das famílias (6,7%). O atual ciclo de investimentos cresce puxado tanto pelo consumo aparente de máquinas e equipamentos quanto pela construção civil.

O consumo das famílias, que representa cerca de 61% do PIB, continua favorecido pela expansão dos empregos formais, da massa salarial real e do aumento no nível de crédito. O crescimento do consumo de 6,7%, no segundo



Leo Drummond/Agência Nitro

Aço: a produção vai dobrar, com investimentos da ordem de R\$ 82 bilhões

trimestre de 2008, se comparado aos 8,7% do quarto trimestre de 2007, mostra uma acomodação em um nível mais moderado, indicando uma progressiva convergência no ritmo de expansão da demanda e da oferta.

Pela ótica da oferta, alguns dos setores que mais contribuíram para o crescimento do PIB, sempre na comparação com o mesmo trimestre de 2007, foram a agropecuária (7,1%), a indústria (5,7%) e os serviços (5,5%).

Crédito para habitação

O crescimento da agropecuária pode ser explicado, em grande parte, pelo desempenho

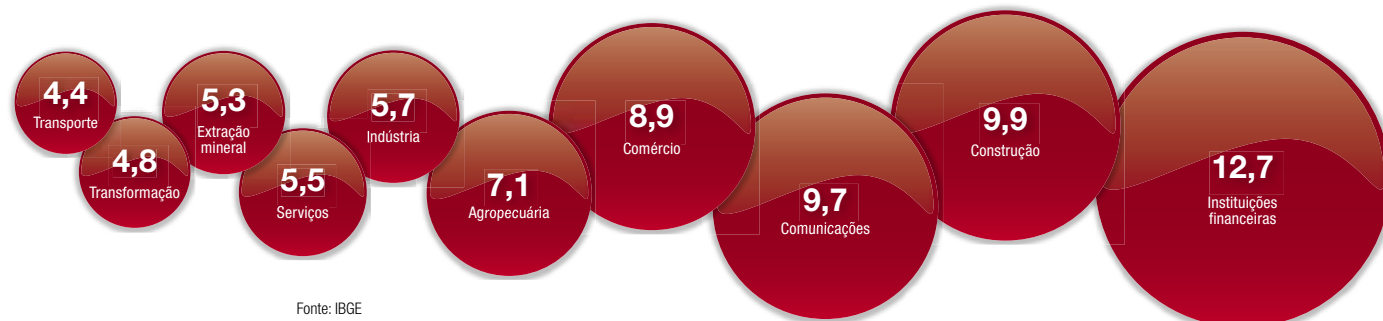
de safras como a do café em grão, do milho, do arroz em casca e da soja. Segundo dados do IBGE, o Brasil colheu no primeiro semestre uma safra recorde de 145,1 milhões de toneladas, o que representou crescimento de 9% em relação ao mesmo período de 2007.

Outro destaque foi a construção civil (9,9%), estratégica pela sua elevada capacidade de gerar empregos e renda. O setor tem ganhado impulso com o aumento do número de brasileiros com carteira assinada e com o crescimento nominal de 26,7% das operações de crédito para habitação.

De janeiro a agosto de 2008, a indústria teve crescimento de 6,6%. Praticamente a totalidade

Crescimento diversificado e com qualidade

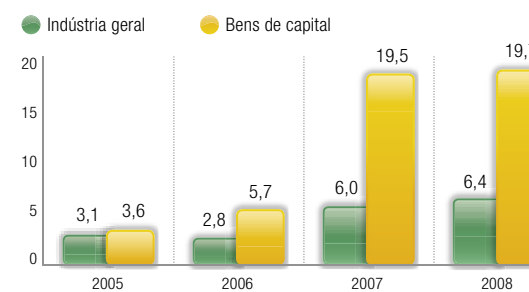
PIB pela ótica da oferta; segundo trimestre de 2008 / segundo trimestre de 2007 (em %)



Fonte: IBGE

Produção industrial

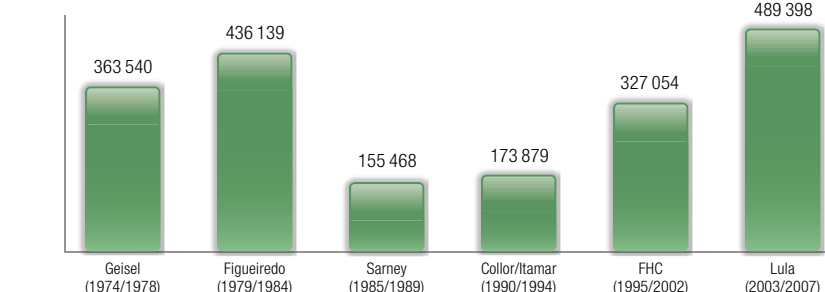
Crescimento acumulado em 12 meses até ago/08 (em %)



Fonte: IBGE > Elaboração: MF / SPE

Ampliação do acesso à habitação

Número de unidades habitacionais financiadas (média por período)



Fontes: Bacen, Aabej, SAI CI-Caixa

“Após 25 anos de semi-estagnação, o Brasil volta a crescer, baseado no mercado interno e no investimento”

Yoshiaki Nakano, Fundação Getulio Vargas-SP

dos setores industriais registraram expansão, com destaque para a fabricação de veículos automotores (18,4%). Foi o melhor primeiro semestre na história das montadoras, que atingiram a marca de 1,3 milhão de unidades, o que representou aumento de mais de 30% em relação ao primeiro semestre de 2007.

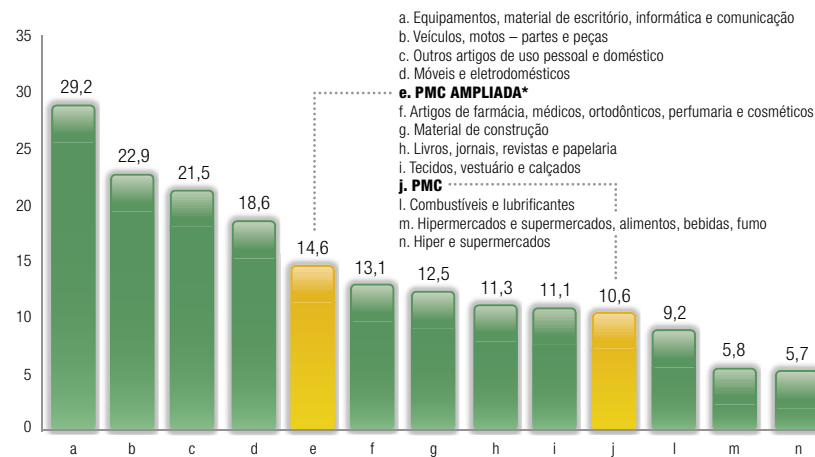
Contribuições relevantes também vieram de máquinas e equipamentos (10,0%), outros equipamentos de transporte (32,5%) e metalurgia básica (7,9%). Por categorias de uso, os segmentos de bens de capital (18,1%) e de bens de consumo duráveis (13,3%) lideraram a expansão. Esses números evidenciam o dinamismo do ciclo de investimentos e do consumo doméstico apoiado, principalmente, no crédito.

Aumento da capacidade

A indústria avança com o aumento da produtividade, que é superior ao crescimento dos salários, outro fator que ajuda a evitar impacto inflacionário. Uma tendência importante são os investimentos na ampliação da capacidade produtiva, especialmente no setor de bens de capital. Nos primeiros oito meses, a produção de aço subiu 7,5% em relação a igual período do ano passado. As empresas siderúrgicas projetam

Vendas no comércio

Varição jan-jul/08 e jan-jul/07 (em %)



Fonte: IBGE > Elaboração: MF / SPE > * Inclui veículos, motos, partes e peças e materiais de construção



Construção civil: setor é líder na geração de empregos no País

Sergio Castro/AE

“Não é que vamos voar em céu de brigadeiro, mas o País nunca esteve tão bem”

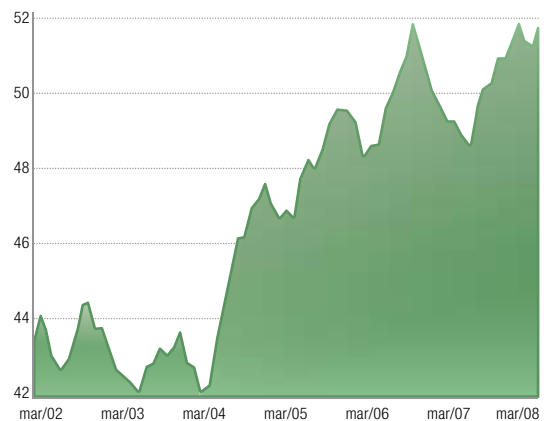
Luiz Gonzaga Belluzzo, Economista

planos para dobrar o tamanho de seu parque, com investimentos que chegam a R\$ 82 bilhões. Outros grandes setores, como papel e celulose, petroquímico e cimento, também anunciaram projetos ambiciosos de investimentos na expansão de sua capacidade.

Mas a principal marca do ciclo de desenvolvimento que o Brasil inaugurou é a emergência de uma nova classe média. Por trás dessa mudança, que criou no País um mercado de massa, está um

Nova classe média

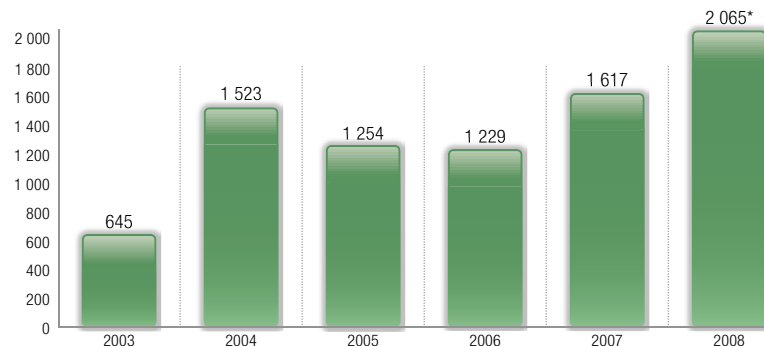
Classe C representa 50% da população



Fontes: CPS / IBRE / FGV, com base nos microdados da PME / IBGE – 15 a 60 anos

Emprego formal

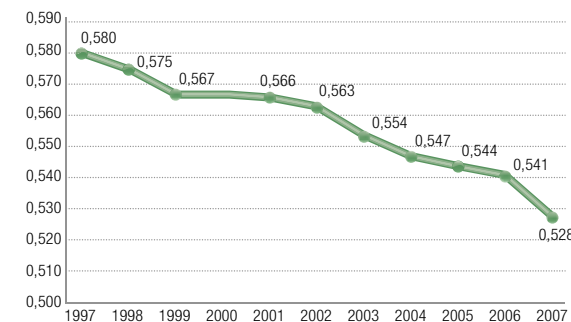
Bom desempenho da economia se reflete no mercado de trabalho (em milhares)



Fontes: MTE / Caged > Elaboração: MF / SPE > * Valores acumulados nos últimos 12 meses, terminados em agosto

Índice de Gini

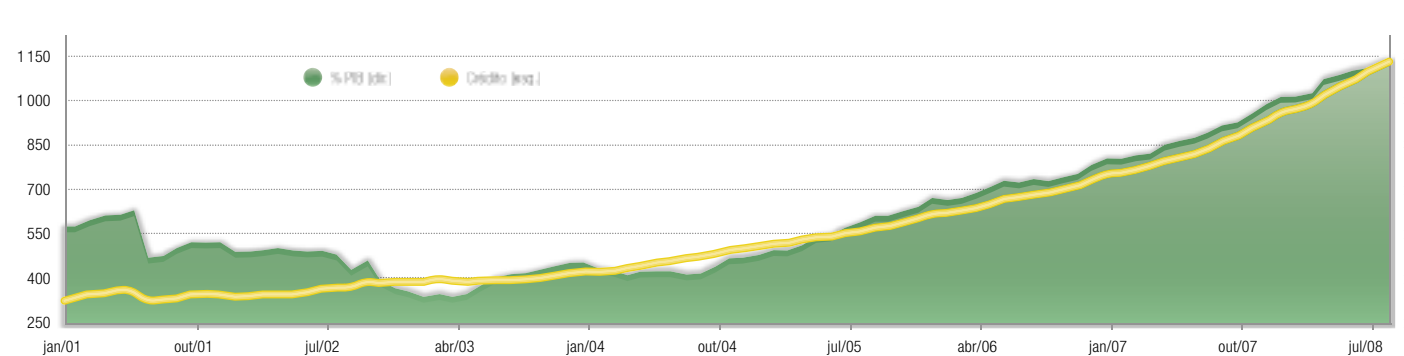
A desigualdade continua caindo



Fontes: IBGE / Pnad > Elaboração: MF / SPE

Evolução das operações de crédito

As operações de crédito alcançaram R\$ 1 086 bilhões em jul/08, o equivalente a 37% do PIB (em R\$ bilhões)



Fonte: BCB > Elaboração: MF / SPE

“A redução da pobreza e o crescimento da classe média refletem o aumento do emprego com carteira assinada”

Marcelo Neri,
Fundação Getúlio Vargas-RJ

conjunto de fatores: ganhos de renda, aumento do salário mínimo, expansão do emprego, controle da inflação e programas sociais que levaram à melhoria na distribuição de renda.

Em 2007, o ganho médio mensal do trabalhador brasileiro cresceu pelo terceiro ano consecutivo, alcançando R\$ 960, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE. A criação de empregos deve superar pela primeira vez a marca de 2 milhões. No primeiro semestre de 2008, a abertura de novos postos de trabalho na construção civil superou os números de todo o ano anterior.

Em agosto, a taxa de desemprego nas seis principais regiões metropolitanas ficou em 7,6%, a menor em muitos anos. O número de trabalhadores com carteira assinada totalizou 32 milhões em 2007, o que representou crescimento de 6,1%. O índice de formalização no emprego é o maior desde o início da série histórica em 1992 e tem como causa principal a maior segurança das empresas em relação ao cenário econômico.

A oferta de recursos também tem sido um instrumento importante. O consolidado das operações de crédito, por exemplo, alcançou R\$ 1,1 bilhão em agosto de 2008, com uma participação de 38% sobre o PIB, bem acima dos 32,8% do mesmo mês do ano anterior.

Queda da desigualdade

Nesse cenário, a classe C se tornou a faixa mais numerosa da população e alterou profundamente o perfil do consumo. Uma recente pesquisa do Centro de Estudos Sociais, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), estima que a nova classe média é composta por 93 milhões de pessoas ou 50% dos brasileiros. Somando a classe A/B, o Brasil passa a contar com 120 milhões de consumidores, um dos maiores mercados do mundo.

É a maior mudança na estrutura social do País e pode ser observada no dia-a-dia. Em 2007, 11,4 milhões dos domicílios – o que corresponde a 20,4% do total – já tinham acesso a microcomputador e à internet; são 2,1 milhões a mais do que no ano anterior. O Brasil deverá



Automóveis: Brasil ultrapassa a França e é o sexto maior produtor mundial

Germano Lúders

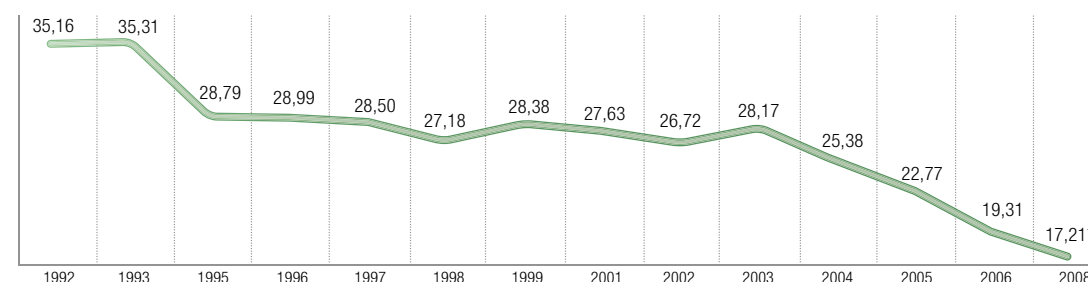
fechar o ano com mais de 140 milhões de celulares, e 77% dos lares têm algum tipo de telefone – em 1992 eram apenas 19%. E o número de casas com geladeira passou de 89,8% em 2006 para 91,4% em 2007.

O grande destaque da Pnad foi, no entanto, a queda da desigualdade social. O número de pessoas em condições de miséria continuou em queda, bem abaixo dos índices registrados entre 1995 e 2003. A redução na diferença entre ricos e pobres também foi confirmada pelo Índice de Gini, que passou de 0,541 para 0,528.

O Brasil ingressou em um novo ciclo de desenvolvimento, que teve início em 2004 com a retomada do crescimento, acompanhado por políticas que promoveram a inclusão social. Essa nova etapa da economia guarda profundas diferenças em relação às anteriores. Entre os anos 50 e o início dos 80, o Brasil viveu uma arrancada desenvolvimentista, que não eliminou a concentração de renda. As duas décadas perdidas, de 1981 a 2002, foram marcadas por crescimento baixo (média de 2,1% ao ano) e irregular, alto índice de desemprego e políticas sociais de resultados limitados. O novo ciclo é prolongado, consistente, uniforme e de qualidade e, ao contrário dos anteriores, está voltado para a igualdade e para a inclusão social.

Redução da miséria

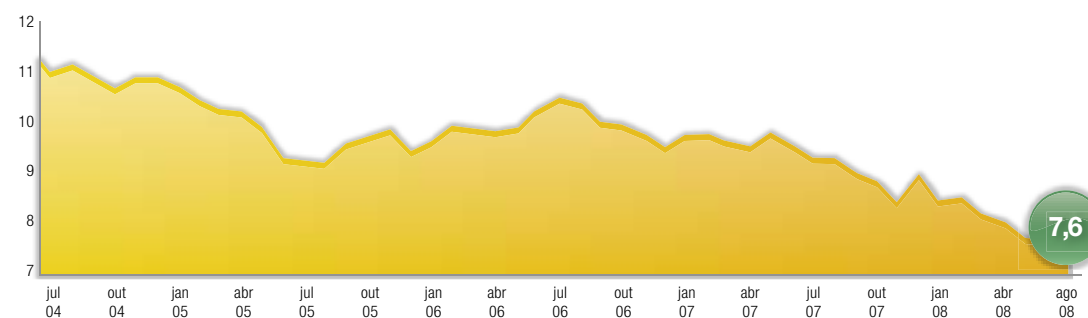
Cai o número de pessoas que vivem com até R\$ 135 por mês (em %)



Fontes: CPS / FGV processing Pnad / IBGE microdata > * Projeção baseada no PME até abr/08 acelera últimos 12 meses

Nível de desemprego*

Taxa é a menor para o mês de agosto desde 1998, quando atingiu 18,9%



Fonte: IBGE > Elaboração: MF / SPE > * Nas seis principais regiões metropolitanas, em termos dessazonalizados

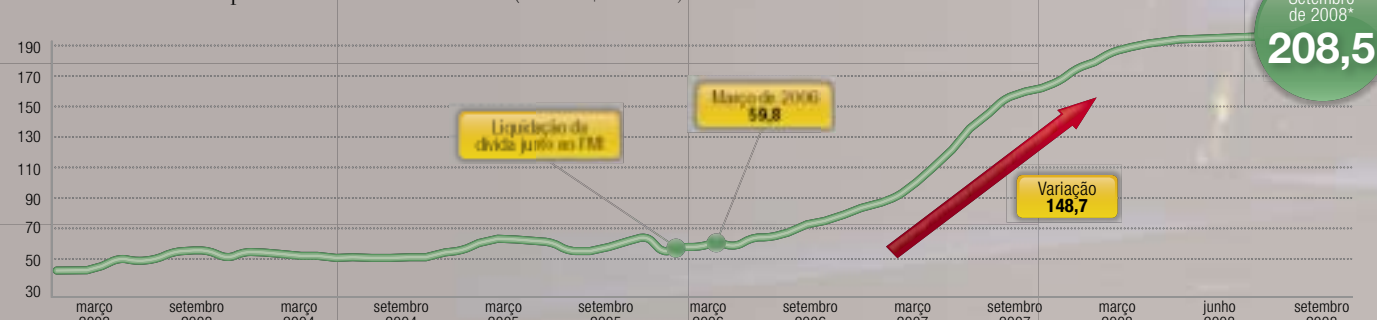
Fundamentos sólidos

Ajuste fiscal vigoroso e baixa vulnerabilidade diminuem o impacto da crise sobre o Brasil

Considerada a maior crise desde a grande depressão, a atual turbulência financeira tem impacto global, provocando redução nas linhas de crédito internacional e queda nos ativos financeiros em todo o mundo, inclusive no Brasil. É difícil prever sua duração e extensão, mas parece certo que ela deverá afetar fortemente as economias dos países desenvolvidos. O Brasil, porém, está em situação mais favorável para enfrentar os efeitos dessa turbulência. Os sólidos fundamentos macroeconômicos – que têm por base a responsabilidade fiscal e os regimes de meta de inflação e câmbio flutuante – vêm possibilitando a diminuição da vulnerabilidade externa, a estabilidade monetária e a redução do endividamento público, reduzindo o impacto da crise sobre o País.

Reservas internacionais

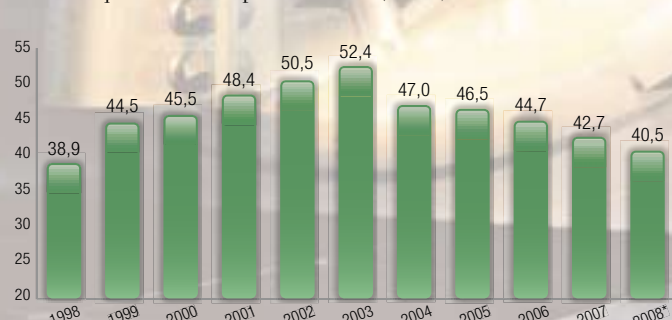
Volume acumulado triplicou nos últimos dois anos (em US\$ bilhões)



Fonte: BCB > Elaboração: MF / SPE > * Posição de 16/set/08

Cai o endividamento

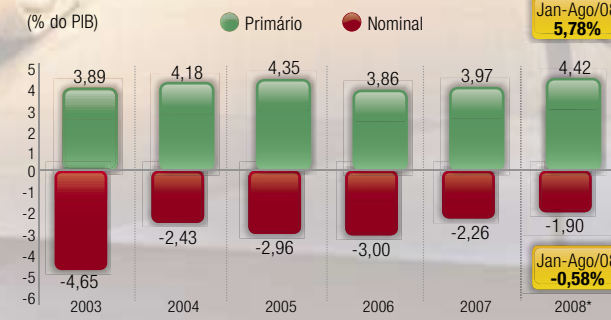
Dívida líquida do setor público / PIB (em %)



Fonte: BCB > Elaboração: MF / SPE > * Posição de ago/08

Resultado fiscal do setor público

(% do PIB)



Fonte: BCB > Elaboração: MF / SPE > * 12 meses encerrados em ago/08

“A diferença é que estamos crescendo, o espírito animal dos empresários está solto, observamos a tecnologia inovar e financiamos dois terços do nosso investimento privado com lucros retidos”

Antonio Delfim Netto, Ex-ministro da Fazenda

O Brasil, apesar de não ser imune à crise internacional – que afeta o País pela contração do crédito em moeda estrangeira e pela redução da demanda externa –, tem sua resistência aumentada. Quatro pilares garantem os fundamentos da economia brasileira: baixa vulnerabilidade externa; controle da inflação; gestão responsável das finanças públicas e solidez do sistema financeiro.

No âmbito das contas externas, destacam-se o contínuo crescimento das exportações – que deverão ultrapassar US\$ 200 bilhões em 2008 – e, principalmente, o elevado nível das reservas internacionais, que atingiram o patamar inédito de US\$ 208 bilhões. Ainda que a desaceleração do crescimento mundial e a recente queda dos preços das *commodities* tendam a reduzir o ritmo de expansão das exportações de produtos básicos, essa tendência deve ser compensada pela valorização do dólar, que beneficia as exportações dos demais setores, em particular da indústria brasileira.

O compromisso com a estabilidade dos preços é hoje uma característica não apenas da política econômica, mas também uma demanda fundamental da sociedade brasileira. Um claro exemplo desse compromisso foi a pronta reação à alta da inflação que decorreu do choque dos preços das *commodities* no fim de 2007 e início de 2008. Além da elevação das taxas básicas de juros, foram reduzidas tarifas de importação de alguns produtos (fertilizantes, aço, trigo, entre outros) e implementadas medidas de desonera-



Lia Lubambo

Sistema bancário: um dos mais informatizados do mundo

ção tributária (como trigo e derivados de petróleo), de controle do ritmo de expansão do crédito ao consumo e de estímulo ao investimento – pois o governo brasileiro tem clareza de que é a expansão da capacidade produtiva resultante do investimento de hoje que manterá a inflação sob controle amanhã.

O resultado da gestão da política antiinflacionária é claro: enquanto em praticamente todos os países que possuem metas de inflação esta ultrapassou o teto da meta em meados do ano, no Brasil a inflação subiu, mas permaneceu dentro do intervalo fixado.

Outro pilar que garante solidez ao novo modelo de desenvolvimento e auxilia no combate à inflação é a gestão responsável das finanças públicas, recentemente reforçada pelo aumento em 0,5 % do PIB da meta de superávit primário para 2008. Ao contrário do que afirmam alguns analistas, a expansão das despesas do Governo Federal está absolutamente sob controle, tendo ficado abaixo do crescimento do PIB no acumulado do ano até agosto. “Não é possível brigar com os números”, afirma o ministro Guido Mantega.

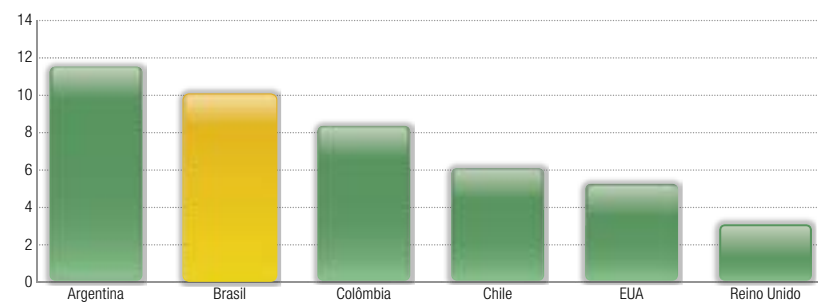
E os números são claros. De janeiro a agosto

de 2008, o setor público teve um superávit primário de 5,78% do PIB, para o qual o Governo Central contribuiu com 4,04% do PIB. No período, o déficit nominal do setor público foi de 0,58% do PIB, sendo o Governo Central responsável por um superávit nominal de 0,34% do PIB (contra um déficit de 1,90% do PIB no mesmo período de 2007). Em todos os casos, trata-se do melhor resultado desde o início da série, em 1991.

Por fim, outro elemento que reduz a exposição do Brasil à turbulência internacional é a solidez do sistema financeiro nacional. No Brasil, o sistema financeiro é bem regulado e a supervisão das autoridades monetárias sobre as instituições, bastante eficiente. Os bancos operam com prazos de financiamento e uma alavancagem menores do que os observados nos países desenvolvidos, além de apresentarem alto nível de solvência e rentabilidade. A concessão de recursos segue padrões de risco mais rígidos do que os determinados pelo Acordo de Basiléia. Por todos esses motivos, não se vislumbra hoje o risco de prejuízos generalizados no sistema financeiro brasileiro, nem de problemas sistêmicos como os observados em boa parte do mundo desenvolvido.

Baixa alavancagem

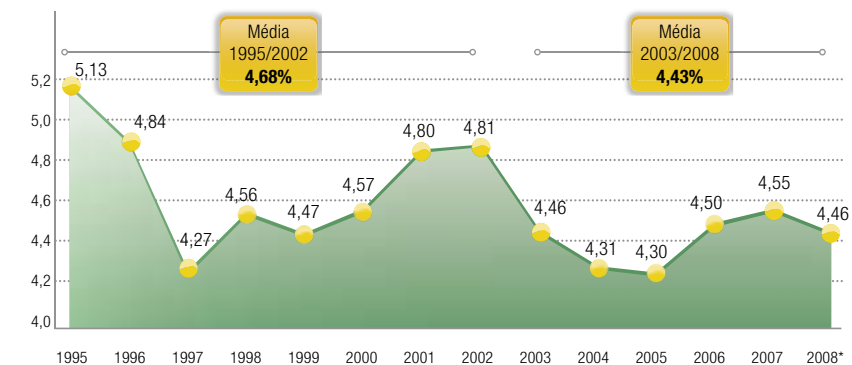
Capital / ativos – média ponderada dos 10 maiores bancos privados (em %)



Fonte: revista The Bankers – Ranking dos 1 000 maiores bancos 2008

Despesa de pessoal*

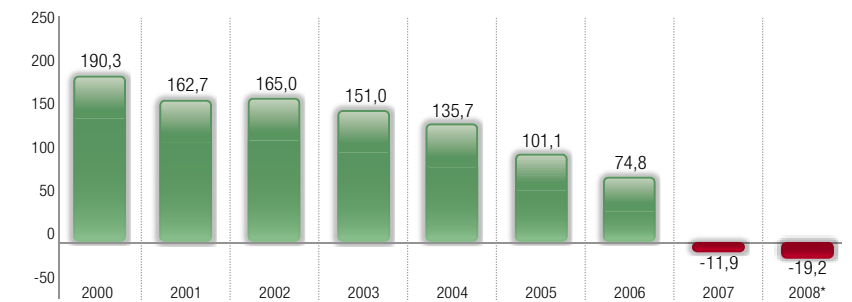
Evolução em relação ao PIB é inferior à média entre 1995 e 2002 (em % do PIB)



Fontes: MF / STN > Elaboração: MF / SPE > * Valores acumulados em 12 meses até jul/08

Cai a vulnerabilidade

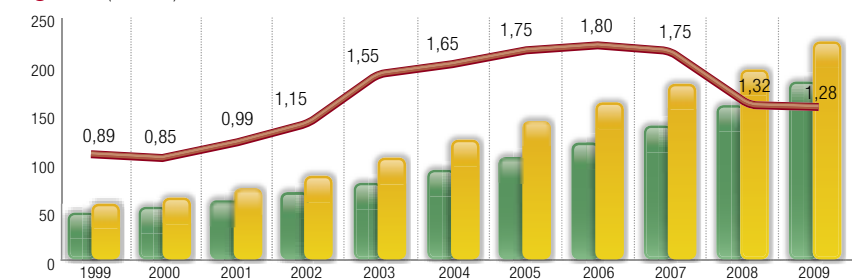
Dívida externa líquida (em US\$ bilhões)



Fonte: Banco Central > * Dados estimados > Até jul/08

Resultado da Previdência

● Arrecadação líquida (R\$ bilhões)
● Benefícios do Regime Geral da Previdência Social – RGPS (em R\$ bilhões)
● Déficit (% do PIB)



Fonte: Sialfi > Elaboração: Ministério do Planejamento

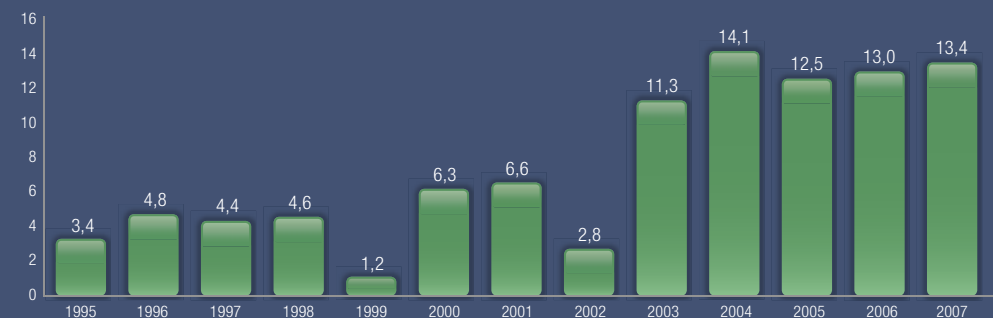
Investimento seguro

Projetos previstos para os próximos anos asseguram rota do desenvolvimento sustentado

O setor público e a iniciativa privada planejam investir em 2008 cerca de R\$ 1,5 trilhão em obras de infra-estrutura e em projetos de ampliação da capacidade produtiva. A taxa de investimento, medida pela Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), que representava 15,3% do PIB em 2003, vem aumentando de forma consistente desde 2006. A previsão é chegar perto de 19% até o fim de 2008 e atingir 21% em 2010. É o maior ciclo de investimentos já visto pelo País.

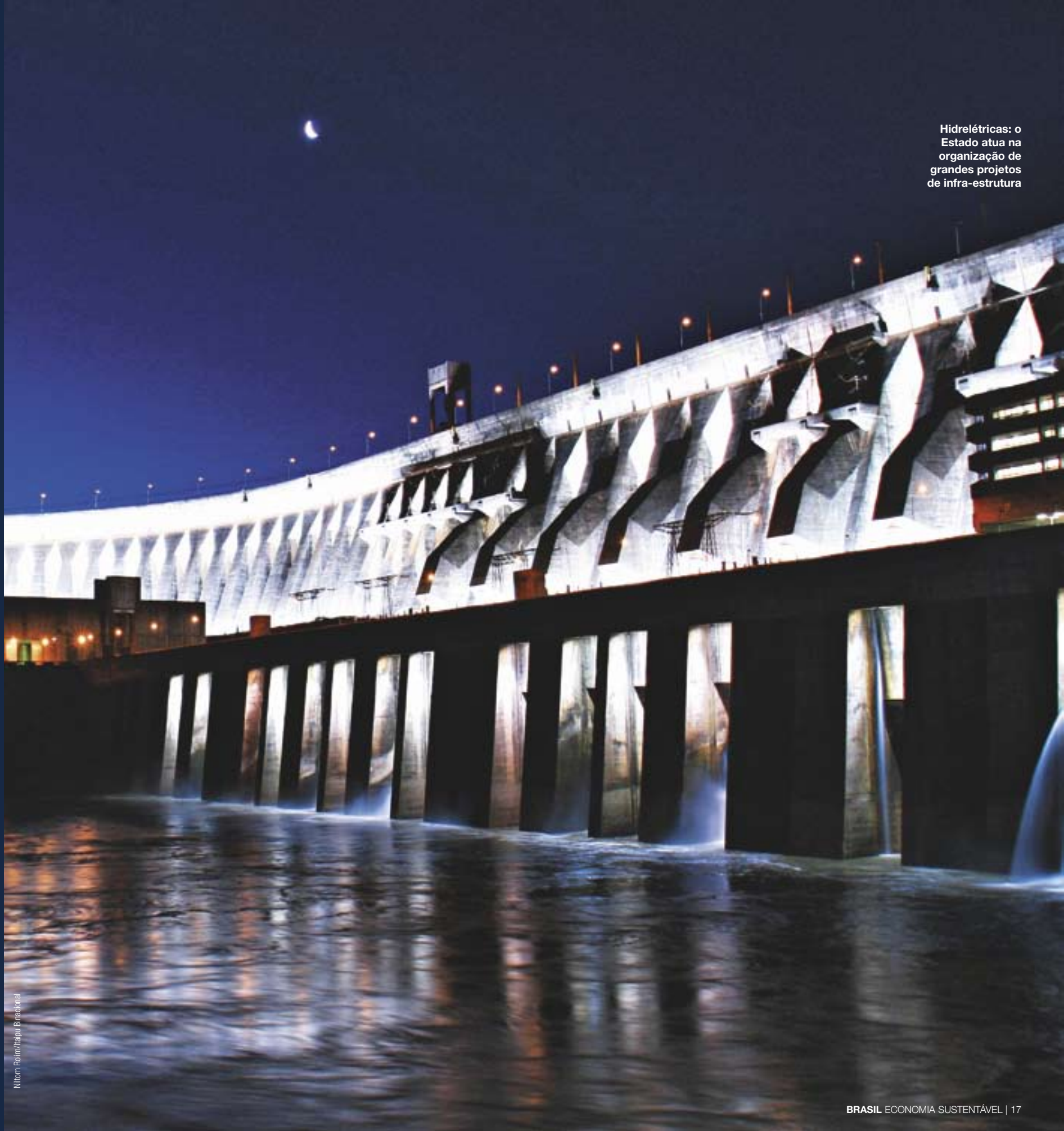
500 maiores empresas têm lucro recorde

Desde os anos 80, a rentabilidade* não ficava acima de 10%



Fontes: Ibre / FGV > * Rentabilidade sobre o Patrimônio Líquido (PL)

Hidrelétricas: o Estado atua na organização de grandes projetos de infra-estrutura



O futuro do Brasil: pré-sal

Recursos das descobertas serão empregados prioritariamente na educação e no combate à pobreza

Os maiores investimentos – e as maiores possibilidades de riqueza – do País nos próximos anos deverão ser direcionados à exploração do pré-sal, gigantescas jazidas de petróleo e gás situadas entre 5 e 7 mil metros abaixo do nível do mar. É um negócio que abre um enorme desafio para a Petrobras, apesar do domínio tecnológico adquirido pela empresa na prospecção de águas profundas, mas, ao mesmo tempo, oferece grandes oportunidades para o Brasil. Com o pré-sal, uma camada de reservatórios abaixo da camada de sal que acompanha o litoral brasileiro, ao longo de 800 quilômetros entre os Estados do Espírito Santo e de Santa Catarina, o País passará a contar com uma das maiores reservas conhecidas.

“O pré-sal colocará o Brasil entre os maiores produtores de petróleo e gás do mundo. Mas aqui começa a diferença: os recursos das jazidas do pré-sal serão canalizados, prioritariamente, para a educação e a

erradicação da pobreza”, afirmou o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em pronunciamento aos brasileiros no dia 7 de setembro, quando é comemorada a Independência do Brasil. “Vamos aproveitar essa grande quantidade de recursos para pagar a imensa dívida que o nosso País tem com a educação.”

Com isso, diz Lula, o Brasil estará dando um dos mais vigorosos passos da história para diminuir a pobreza e transformar uma riqueza perecível, como o petróleo e o gás, em fonte de riqueza perene e inesgotável para o povo brasileiro.

“Vivemos, ao mesmo tempo, na era do maior movimento de ascensão social e na época do maior montante de investimentos da história do Brasil. É por isso que, a cada dia, mais brasileiros estão confiantes no País que estamos construindo: um Brasil maior para mais brasileiros.”



Lula: “Vamos pagar a imensa dívida que o País tem com os brasileiros”

“Energia hidrelétrica é a nossa prioridade. Aproveitamos apenas 24% do potencial de nossos rios”

Dilma Rousseff,
Chefe da Casa Civil

Os investimentos permitirão manter a economia na rota do desenvolvimento sustentado, com um crescimento médio de 5% ao ano, além de trazer ganhos de competitividade para as empresas. Também vão gerar mais empregos e garantir que o País dê um novo e importante salto para a construção de um futuro melhor e mais justo para todos os brasileiros.

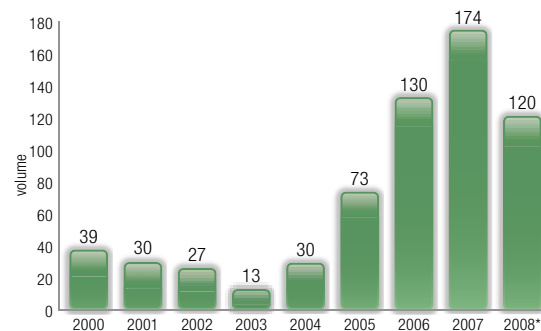
O círculo virtuoso que está se abrindo marca uma nova concepção do papel do Estado – modernizador e promotor do bem-estar, empenhado na redução da pobreza e da desigualdade na distribuição de renda. O novo Estado também é indutor do desenvolvimento, tendo por bases os investimentos públicos em infra-estrutura, o aumento da poupança pública e externa e políticas para acelerar o crescimento da produtividade.

Como indutor do desenvolvimento, o governo tem desempenhado um papel importante não só

na concessão de crédito, como também na organização de grandes projetos de infra-estrutura. É o caso, por exemplo, das usinas hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, que começarão a ser construídas em breve no Rio Madeira, na Região Norte do

Mercado de capitais

Ofertas públicas (em R\$ bilhões)



* Inclui todas as ofertas realizadas, inclusive as dispensadas

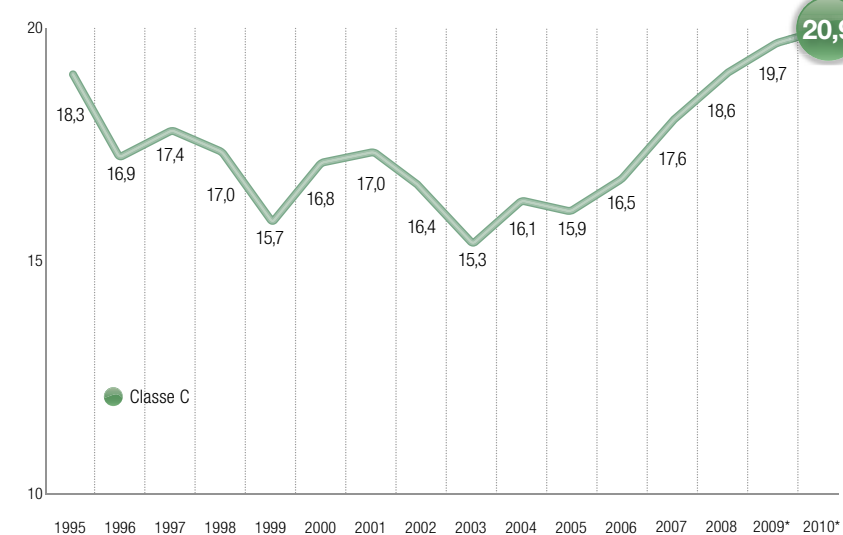
País. As duas usinas irão gerar 6 600 megawatts de energia, o equivalente à potência de Itaipu, a maior do mundo. O Estado também vem atuando na construção de uma nova articulação com o capital privado, que possibilitou, entre outros resultados, um programa de concessões de rodovias.

Um dos instrumentos para isso tem sido um conjunto de desonerações tributárias, adotadas a partir de 2006, para incentivar o investimento, aumentar o grau de formalização da economia, reduzir a carga tributária e combater a inflação. Só no caso do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), o maior programa de investimentos já implantado no País, com projetos que totalizam R\$ 503 bilhões até 2010 para obras de infra-estrutura, o volume de desonerações somou R\$ 18,1 bilhões no período 2007/2008.

Para a Política de Desenvolvimento Produtivo (PDP), que prevê investimentos da ordem

Taxa de investimento

A meta para 2010 é chegar a 21% (em % do PIB)



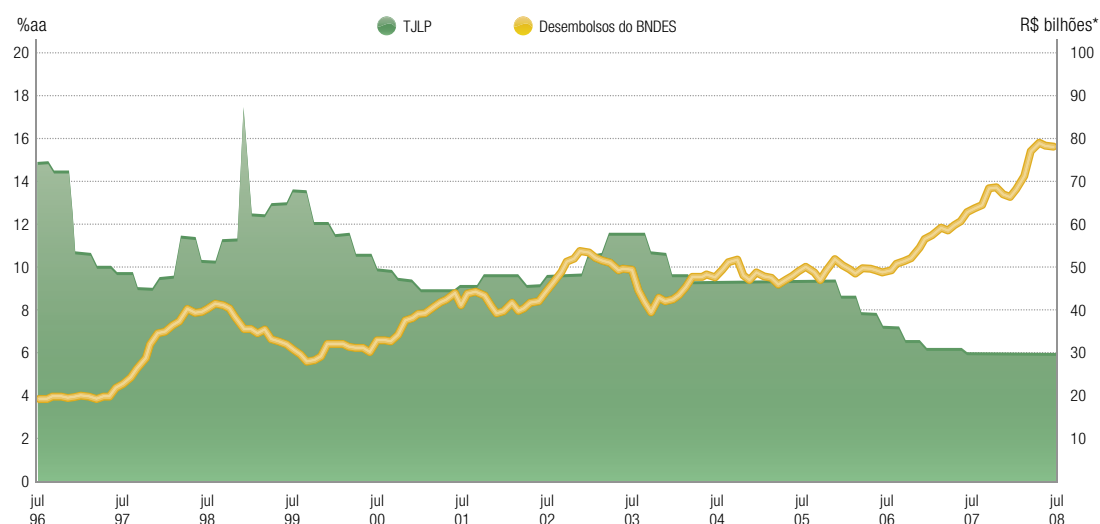
Fontes: BNDES – GP / APE > * Projeção

“Não é demais sublinhar que a execução do PAC é condição imprescindível para o crescimento”

Luciano Coutinho,
Presidente do BNDES

Juros de longo prazo e desembolsos do BNDES

A taxa de juros de longo prazo é uma das menores dos últimos anos



Fontes: BNDES, BCB e IBGE > Elaboração: MF / SPE > * A preços de jul/08 (valores acumulados em 12 meses e deflacionados pelo IPCA)

Bioenergia: em seis anos, a capacidade de produção de etanol deverá aumentar cerca de 80%



André Luiz Mello

de R\$ 6 bilhões pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) nos próximos dois anos, para apoiar atividades de inovação nas empresas e projetos de pesquisa em instituições públicas, as desonerações chegarão a R\$ 21 bilhões até 2011.

Mais dinheiro na economia

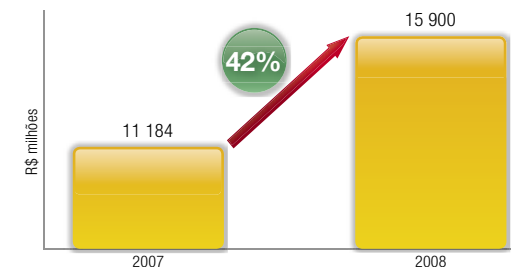
O PAC e a PDP são os principais projetos de investimento do governo, assim como o Plano Safra 2008/2009, que vai liberar R\$ 13 bilhões para fortalecimento da agricultura familiar. O valor é cinco vezes maior do que o destinado à safra 2002/2003.

As empresas têm planos, já anunciados e em muitos casos em andamento, de investir cerca de R\$ 1,5 trilhão nos setores dinâmicos da economia até 2011. A área que receberá mais investimentos será a de petróleo e gás natural. Só a Petrobras tem planos de investir US\$ 87 bilhões, ou seja, quase US\$ 18 bilhões por ano. Os valores não incluem os investimentos no pré-sal.

As fontes renováveis de energia ganharam importância nos investimentos previstos. Os

Governo Central

União amplia participação no investimento



Fonte: Sifai > Elaboração: Coapi / STN
Investimento total: conceito caixa / desembolsos efetivos

projetos voltados para o etanol já somam R\$ 58 bilhões em investimentos e deverão aumentar em 80% a capacidade de produção das empresas nos próximos seis anos.

Os investimentos privados têm como principais forças motrizes o aumento das exportações, as oportunidades oferecidas pelo mercado interno e a elevação da capacidade, especialmente no caso da indústria de bens de capital. As indústrias siderúrgicas lideram esse movimento, com investimentos previstos de R\$ 82,2 bilhões na expansão de seus parques industriais. Os fa-



Valeria Gonzalez/AE

Rodovias: programa de concessões é uma das prioridades do governo

bricantes de produtos petroquímicos também planejam dobrar a sua produção até 2012, com projetos que somam R\$ 22,8 bilhões.

Outro setor que redobrou seus investimentos é a indústria naval, que quase desapareceu no início dos anos 90, depois de ter sido uma das maiores do mundo, e agora volta a ganhar força, com o aumento de encomendas de embarcações e plataformas. No setor de máquinas e equipamentos, os investi-

mentos na expansão das empresas devem aumentar 46% nos próximos quatro anos.

No setor de bens de consumo, o grande destaque são as indústrias de automóveis. As montadoras anunciaram investimentos de R\$ 33,6 bilhões para elevar sua produção anual para 5 milhões de veículos – o dobro do número de carros que saiu das linhas de produção em 2007.

Na construção residencial, os investimen-

tos devem aumentar 10,6% ao ano no período 2008/2011, embalados pelo aumento da renda dos trabalhadores, pela ampliação dos programas de financiamento para famílias de baixa renda e pela maior disponibilidade de crédito.

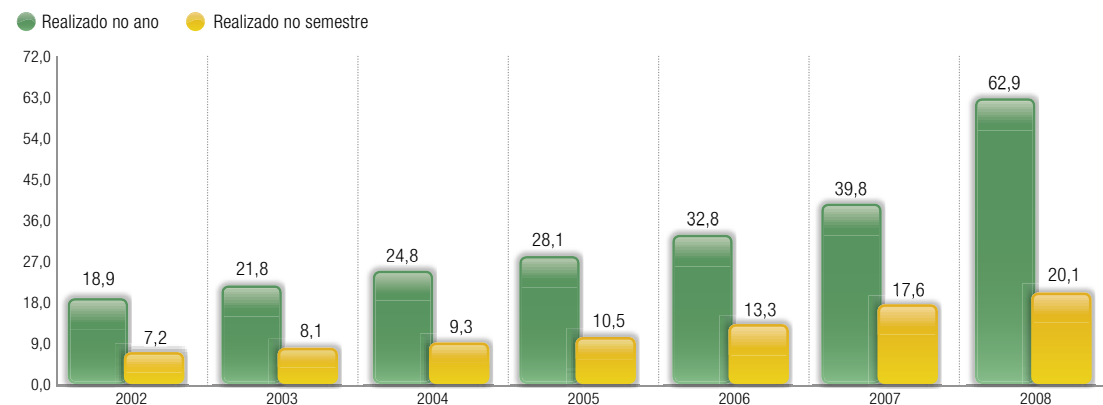
Entre os setores exportadores, a liderança em investimentos fica com as mineradoras, com projetos de expansão que somam R\$ 95,1 bilhões. Só a Vale está investindo US\$ 11 bilhões em 2008.

Grande parte dos investimentos das empresas está sendo bancada por recursos próprios, mas o País deverá continuar contando com a entrada do Investimento Estrangeiro Direto (IED). Em setembro, o IED ficou acima dos US\$ 5,5 bilhões e a previsão do Banco Central é fechar o ano com US\$ 35 bilhões. O Brasil é o quinto destino preferido para investimentos, segundo recente pesquisa da Conferência da ONU para o Desenvolvimento e Comércio (Unctad). São bons termômetros de confiança, demonstrando que o País se mantém firme em meio à turbulência.

A área social também ganhou relevância nos planos de investimento. Uma das prioridades é a educação, que passou a contar com projetos de longo prazo, como o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), amplo conjunto de projetos que tem como meta oferecer ensino de qualidade. ■

Investimento das empresas federais

Em 2009, os recursos totais serão de R\$ 80 bilhões



Fonte: Siafi > Elaboração: MF / STN > Para o ano de 2008, valores previstos em lei + crédito aprovado pelo Orçamento de Investimento das empresas federais



Agropecuária: Plano Safra 2008/2009 deu força à propriedade familiar

Leonardo Colossorfolha/Imagem

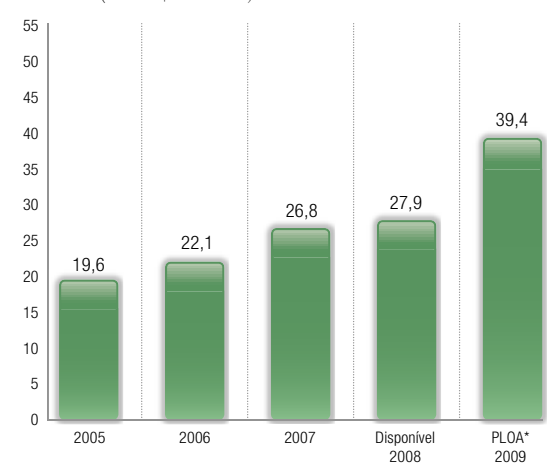


Divulgação

Educação: PDE, o PAC da educação, tem por objetivo a melhoria do ensino básico

Educação

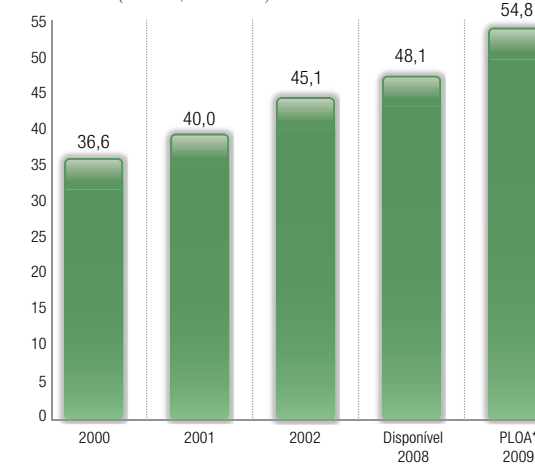
Execução orçamentária das despesas do setor (em R\$ bilhões)



Fonte: Ministério do Planejamento > * Projeto de Lei Orçamentária Anual

Saúde

Execução orçamentária das despesas do setor (em R\$ bilhões)



Fonte: Ministério do Planejamento

Um novo País em construção

A new Country under construction

Recursos já garantidos são da ordem de R\$ 1,5 trilhão

Até 2011, mais de R\$ 2,3 trilhões serão investidos em novos projetos pelo setor público e pelas empresas brasileiras. Desse total, cerca de R\$ 1,5 trilhão já está confirmado em empreendimentos em execução ou em fase de desenvolvimento. Os setores que receberão o maior volume de recursos são indústria e serviços, seguidos pela construção civil residencial e por obras de ampliação e modernização da infra-estrutura. É o mais forte ciclo de investimentos em curso no País em mais de três décadas.

Earmarked resources reach R\$ 1.5 trillion

By 2011, more than R\$ 2.3 trillion will be invested in new projects by the government and Brazilian businesses. Of this total, nearly R\$ 1.5 trillion is being applied in ventures that are currently being executed or that are in the final stages of development. The sectors that will receive the greatest volume of resources are industry and services, followed by housing construction, and modernization and expansion of infrastructure projects. This is the greatest investment cycle in over three decades.

Novos projetos New projects

Em R\$ bilhões / in US\$ billion*

Realizado / Finished
2004-2007

Previsão / Projected
2008-2011

INDÚSTRIA
E SERVIÇOS
INDUSTRY
AND SERVICES

314,3
174.6

627,1
348.4

INFRA-
ESTRUTURA
INFRA
STRUCTURE

185,3
102.9

304,6
169.2

CONSTRUÇÃO
RESIDENCIAL
RESIDENTIAL
CONSTRUCTIONS

357,0
198.3

534,9
297.2

AGROPECUÁRIA
AGRICULTURE
AND LIVESTOCK

39,4
21.9

45,1
25.1

TOTAL
MAPEADO
TOTAL
MAPPING

896,0
497.8

1 511,7
839.8

TOTAL BRASIL
TOTAL BRAZIL

1 554,1
863.4

2 367,3
1,315.2

* Conversão pelo dólar médio de set/08 (US\$ 1,80) / Exchange rate Sept 08 (US\$ 1.80)